



## **A HOMOSSEXUALIDADE FEMININA NAS TELENÓVELAS GLOBAIS- DA DEMONIZAÇÃO A GLAMOURIZAÇÃO (1988- 2004)**

Maria Aparecida Figueirêdo Pereira<sup>1</sup>; Lais Vasconcelos Santos<sup>2</sup>; Maria Valdênia Félix dos Santos<sup>3</sup>; Maria Liége Freitas Ferreira<sup>4</sup>

*Universidade Federal de Campina Grande/UFCG. E-mail: ciddapereira1@yahoo.com.br*

**Resumo:** O presente trabalho versa sobre as representações socioculturais que estão imbricadas nos enredos das telenovelas globais. Com isto, objetivamos perceber o poder da televisão no contexto social, partindo da exibição de assuntos polêmicos, em cena: a homossexualidade feminina. Logo, entendemos a televisão como um elemento de grande relevância para a história cultural, visto que através dos discursos por ela veiculadas, pode-se efetivamente formar opiniões e comportamentos, cabe-nos perceber como esta trata assuntos considerados polêmicos e como estes são compreendidos por pessoas de diferentes categorias sociais assim e níveis intelectuais distintos. Assim, para as análises, dialogaremos com Bourdier (1980), para tecermos as compreensões sobre a televisão e com Chartier (1991), adotando o conceito de representação. Podemos notar através das análises que a homossexualidade feminina, apareceu em telenovelas brasileiras reproduzindo discursos de forma resumida, fragmentada, que partiam para a reprodução de ideais comuns, tais como: o preconceito da sociedade. Entretanto, percebemos que há a necessidade de essa ser vista como uma questão cultural. Sendo assim, percebemos que a inserção das temáticas ligadas a Gênero, precisam ganhar cenários, construir espaços (nas casas, escolas, políticas) que permitam as discussões, e tenham a visibilidade de aceitação baseada no respeito das diversidades e não na reprodução das ideologias sexistas cotidianas.

**Palavras-chave:** Televisão; Telenovelas; Representação; Homossexualidade feminina.

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail: ciddapereira1@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Mestranda no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Graduada em Enfermagem pela UFCG, campus I. E-mail: lais\_lvs@hotmail.com

<sup>3</sup> Mestranda no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Graduada em História pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), campus III. E-mail: valdenia.felix@hotmail.com

<sup>4</sup> Doutora em Sociologia, pela UNESP, no Campus de Araraquara. Professora, classe adjunto, na Universidade Federal de Campina Grande. E-mail:



## INTRODUÇÃO

“Sonífera Ilha, descansa meus olhos. Sossega minha boca. Me enche de luz”. (Titãs, 1984).

“Tudo que a antena captar meu coração captura”. (Titãs, 1985).

Os versos acima são trechos de canções que fizeram muito sucesso nos anos 80 do século passado, ambos se referem aos meios de comunicação de massa e ao poder avassalador que estes exerceram e exercem sobre as pessoas. Especialmente, a televisão que muitos a chamam de “a máquina de fazer doidos” (PORTO, 1960, p. 56). Bem como dizem que ela é nada mais que “os olhos e os ouvidos do rei” (PRETTO, 2003, p. 124) demonstrando a sua capacidade de influenciar as pessoas e de estar a serviço dos poderes veiculando seus interesses e, portanto, suas verdades sobre os acontecimentos e produtos.

Na verdade, a televisão há muito vem sendo estudada, suscitando uma série de reflexões e conclusões que inicialmente afirmavam que essa se configura como um veículo que veio disputar com a escola o primado do monopólio da fala, da cultura e do conhecimento, roubando do livro o primado de informar e formar as pessoas (TÁVOLA, 1984). Com efeito, as relações estabelecidas pela televisão e escola são marcadas por conflitos, isto porque muitos educadores questionam a qualidade ética dos conteúdos veiculados pela televisão mediante a exibição de programas sensacionalistas como novelas que extrapolam em cenas de sexo, programas de auditório que exploram a miserabilidade e desinformação de pessoas menos esclarecidas expondo-as ao ridículo e programas policiais que supervalorizam imagens de sangue e violência.

Nesse sentido, Bourdieu (1980) nos fala da violência simbólica empreendida pelos meios de comunicação através do sensacionalismo que funciona na veiculação exagerada de imagens que contém o sangue, o sexo, o drama e o crime, Já que estes elementos tornam possível o lucro, pois vendem mais, aliado a estes fatores a mídia seleciona fatos irrelevantes para serem divulgados, deixando de lado questões importantes de interesse dos cidadãos, o que implicaria no desconhecimento destes acerca dos seus direitos democráticos, uma vez que os meios de comunicação não informam a sociedade devidamente, já que a programação televisiva é controlada por poderes que decidem o que deve ir ao ar em troca de seus financiamentos, configurando assim uma “censura invisível”.

Estas considerações de Bourdieu nos remetem ao crescimento da televisão no Brasil, um a vez que esta foi consolidada e resguardada no



regime da ditadura militar, a partir da década de 60 do século XX. A rede Globo cresceu desta forma através de uma troca de favorecimentos com o Governo Militar (com)formando ao invés de informando (NAPOLITANO, 1999), excluindo de sua programação notícias que depunham contra ditadura, colaborando para que a sociedade acreditasse que o país vivia um momento de crescimento na economia e de avanços no setor social, quando na verdade se passava por perseguições políticas, censura e castração da liberdade de expressão, o que representa um flagelo para a democracia.

Vista sob esse ângulo compreendemos as razões de muitos intelectuais, artistas, professores e profissionais da área de educação vejam a televisão como um inimigo da instituição escolar, afirmando que sua aliança com os poderes do Estado impede o exercício da democracia.

Destarte com o fim da ditadura militar nos anos 80 do século XX, o Brasil passa por releituras em todo os âmbitos sociais, vive-se o período de redemocratização do país, a censura, ou pelo menos o efetivo controle dos militares sobre os meios de comunicação deixam de existir. A par disso, temas antes impensáveis de serem apresentados, discutidos e falados nos meios de comunicação, passam a nortear debates e discussões entre intelectuais e a mídia falada, escrita e televisiva. O objetivo deste trabalho versa sobre as representações socioculturais que estão imbricadas nos enredos das telenovelas globais. Com isto, objetivamos ainda perceber o poder da televisão no contexto social, partindo da exibição de assuntos polêmicos, como tem sido a homossexualidade feminina.

## **METODOLOGIA**

Através da apreciação de obras de autores como Chartier (1991), Sodré (1996), Ortiz (1994), Bourdieu (1980), Hamburger (1999), Baccega (1995), Lopes (1997), dentre outros autores da história cultural, da teoria da comunicação e pós-estruturalistas como Foucault (1998), pudemos observar os diferentes aspectos contemplados pelo fenômeno socio-histórico-cultural que constitui a televisão e sua relação com as pessoas que diariamente assistem à sua programação como receptores de suas mensagens, mantendo com esta uma relação ambígua, tendo em vista que o público é composto por diversos setores da sociedade tais como: Igreja, Estado, ONGs, pessoas de níveis econômicos e intelectuais, idades e sexos diferentes os quais também podem influenciar no que é transmitido pela televisão.

Assim, utilizou-se do conceito de representação trabalhado por Chartier (1991), quando este afirma que o sentido que é dado à leitura



depende do nível intelectual da pessoa que escreve, bem como da pessoa que lê. Trabalhamos a relação do público de modo geral com os conteúdos que são veiculados pela televisão, ou seja a homossexualidade feminina exibida pelas telenovelas.

As leituras em Bourdieu (1980), convergem com a temática em questão, de sorte que o referido autor contempla os diversos meandros das questões que envolvem os bastidores da televisão até a chegada de suas mensagens junto ao público receptor.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Em 1988, entra no ar pela Rede Globo a novela Vale Tudo de autoria de Gilberto Braga que se propunha a discutir os problemas éticos, políticos e sociais do Brasil, trazendo temas polêmicos como: o alcoolismo, a corrupção das pessoas e a homossexualidade feminina, representada pelos personagens Laís (Cristina Prochaska) e Cecília (Lala Deheinzelin) que viviam uma união estável, trabalhavam e moravam em uma pousada, cuja proprietária era Cecília, a qual morre em um acidente de carro, ficando Laís sozinha e sem nenhum direito sobre a pousada que ajudou a construir com seu trabalho.

Com a morte de Cecília, Laís perde o direito de permanecer na pousada e não tem nenhum usufruto dos bens da parceira. Contudo, na sinopse original a morte de Cecília não estava prevista e como forma de preencher a lacuna causada pelo preconceito de parte do público conservador, Braga aborda uma questão bastante discutida ainda hoje, os direitos inexistentes em uma união homossexual.

Na verdade, o autor tratou da temática com tanta sutileza que somente nos capítulos posteriores à morte de Cecília é que a maior parte dos telespectadores composta por diversos segmentos sociais compreendeu que se tratava de uma relação homossexual feminina, já que as discussões em torno da herança a que Laís deveria ter direito - a pousada - passaram a ser abordadas em muitos capítulos da trama. Todavia, o relacionamento amoroso entre as personagens não era enfatizado, pois na fala dos demais personagens, sempre se dirigiam a Laís e Cecília como se estas tivessem tido uma relação de amizade, embora o termo amizade fosse utilizado com um tom diferenciado, com outra conotação. Seria a capacidade das telenovelas, de ocultar deixando que o telespectador atento perceba que se esta ocultando (SODRÉ, 1996) Nesta perspectiva, compreendemos que a visão ao assumir essa postura na verdade estaria dizendo “Nos estamos tratando desse tema, porém de forma “respeitosa”

Mas, esse expediente utilizado pela novela Vale Tudo, não funcionou, pois malgrado toda a discrição nas cenas que envolviam Laís e



Cecília, o telespectador mais atento preferiu não tolerar a relação amorosa entre as duas mulheres e somente no último capítulo da trama é que Laís encontra um novo amor, a jornalista Marília representada pela atriz Bia Seidl. Vale salientar que se tratava do último dia em que o folhetim ia ao ar e, com isto não havia motivos para temer protestos.

A homossexualidade feminina passou a ser tratada em outras telenovelas da Rede Globo como: Torre de Babel de Silvio de Abreu que foi ao ar em 1998, (10 anos após a exibição de Vale Tudo), Mulheres Apaixonadas de Manuel Carlos exibida em 2003 e Senhora do Destino de Aguinaldo Silva de 2004. Todavia, em Torre de Babel a rejeição por parte do público que recorria à moral e aos bons costumes, fez com que o casal de lésbicas Rafaela Katz e Leila Sampaio interpretados respectivamente pelas atrizes Christiane Torloni e Sílvia Pfeifer fossem vítimas fatais de uma explosão ocorrida em um Shopping, ocasião em que morreu também outro personagem rejeitado pelo público como o viciado em drogas Guilherme (Marcelo Antony).

Na verdade, Torre de Babel causou muitas polêmicas, pois setores mais conservadores da sociedade sentiram-se agredidos ao ver temas como: a homossexualidade feminina sendo abordados em uma telenovela, consideraram que a trama de Abreu estava representando uma ameaça para a formação social de crianças e adolescentes em face disto, a entidade TFP (Tradição, Família e Propriedade) Associação de escolas particulares de São Paulo que reunia colégios tradicionais sugeriu um boicote aos patrocinadores da novela, tamanho o perigo que esta estaria representando para a juventude, no sentido de influenciá-los negativamente.

Diante disto, cabe uma velha discussão. A televisão é de fato um reflexo da sociedade ou é a sociedade um reflexo da televisão? Na verdade, falar sobre televisão bem como sobre assuntos polêmicos que nela são retratados, como a homossexualidade feminina, exige que se analise inicialmente os conceitos representação, de cultura massa, indústria cultural.

A cultura de massa de acordo com Caldas (1996) consiste na produção industrial de um universo muito grande de produtos que abrangem diversos setores da sociedade como: a moda, o lazer, o cinema, a imprensa escrita e falada, os espetáculos públicos e a música caracterizando a vida do homem contemporâneo. Desta forma, os chamados meios de comunicação de massa formados pela imprensa falada, escrita e televisada seriam responsáveis pela formação da opinião pública. O gosto, o comportamento, os anseios, a visão de mundo, o juízo de valor seriam todos aspectos influenciados por esse sistema. Eles teriam ainda o poder de criar padrões de gosto, através daquilo que os teóricos da comunicação resolveram chamar de persuasão de consumo.



Sendo assim, qual a razão para a homossexualidade feminina continuar sendo tema tabu, abordado de forma cautelosa quando não ceifado do roteiro das telenovelas e da televisão como um todo? É neste sentido que a análise de Ortiz (1994) acerca de cultura e sociedade de massa nos parece precisa e porque não dizer preciosa? Para este autor os meios de comunicação atuam como se soldassem a diversidade que constitui a unidade nacional, sendo a telenovela um exemplo disso. No entanto, não se poderia pensar em homogeneidade e em coesão social, pois dentro da sociedade haveria interesses díspares de grupos e de classes sociais.

Para Bourdieu (1980), a televisão faria existir ideias ou representações, impondo desta maneira princípios de visão do mundo, as quais seriam diferentes leituras como: os jovens e os velhos, os estrangeiros e os compatriotas e por este ângulo pode-se dizer os homossexuais e os heterossexuais. Em consonância com o pensamento de Bourdieu, pode-se constatar que a televisão também cria estereótipos; a maior parte das telenovelas que tratou da homossexualidade feminina o fez das seguintes formas: ora masculinizadas e recebendo uma tônica satírica, ora intelectuais ou adolescentes vivendo em conflito com a família e a sociedade é como se a homossexualidade feminina além do viés cômico só pudesse ser abordada partindo do drama da dor da angústia das incertezas e finalmente das lágrimas.

Isto se torna emblemático na novela *Mulheres Apaixonadas* de Manuel Carlos, exibida em 2003, que trouxe como tema paralelo o romance entre Clara (Aline Moraes) e Rafaela (Paula Picarelli), duas adolescentes que sofrem com o preconceito na escola em que estudavam e com a rejeição de familiares por serem homossexuais. Eram duas heroínas no melhor estilo romanesco, foram humilhadas, devido à sua opção sexual e, no entanto, eram generosas e íntegras. Clara e Rafaela enfrentaram obstáculos até poderem ficar juntas e felizes no final da trama. Por conseguinte, as adolescentes conquistaram a empatia do público que sensibilizou-se com o drama por elas vivenciados.

Em 2004, a homossexualidade feminina, volta à cena no horário nobre, desta vez na telenovela *Senhora do Destino* de Aguinaldo Silva – Jennifer (Bárbara Borges) e Leonora (Milla Christi) representavam duas jovens que se apaixonaram e como as personagens Clara e Rafaela de *Mulheres Apaixonadas* passaram por diversos conflitos, envolvendo principalmente suas famílias, até que vencidas as oposições ambas tiveram um final feliz. Aliado a isto, Silva lança um outro assunto polêmico: A adoção de crianças por um casal homossexual, o que foi obtido sem nenhum sacrifício hercúlio pelas duas jovens.



Para Sodré (1996) os roteiros das telenovelas têm incorporado temas como a liberdade sexual, descasamento, juvenilização dos idosos, colaborando para a ideia de modernização e de progresso, mas sempre adotando um discurso parcializante. Foi o que aconteceu na trama de Senhora do Destino, o autor lançou a proposta de discutir enfaticamente a questão da adoção de uma criança por um casal de lésbicas, todavia isso não ocorreu, o público mais atento, certamente constatou as lacunas, a falta de profundidade por parte do autor ao tratar desse aspecto, nos fazendo crer que os chamados temas tabus ainda são exibidos com muitas reservas pelos autores das telenovelas, certamente devido ao pensamento conservador da maior parcela do público da televisão.

Para Maria Aparecida Baccega (1995) muitas vezes ao abordar temas tabus a telenovela não altera o comportamento das pessoas. Para a autora, a ideia de que a telenovela influencia a personalidade dos telespectadores consiste em uma inverdade, visto que a maioria das tramas expõe temas polêmicos que estão latentes na sociedade, esperando por uma oportunidade para entrar em discussão, a qual muitas vezes é ilustrada através de personagens fictícios, apontando-se como exemplo o caso de A Próxima Vítima, trama de autoria de Sílvio de Abreu exibida em 1995, onde havia uma família negra de classe média, um casal homossexual e um jovem adepto às drogas.

De acordo com Baccega (*op.cit*), nenhum pai deve ter passado a aceitar um filho gay apenas porque foi um tema desenvolvido na telenovela. A autora conclui: “A trama apenas traz os assuntos para o debate na sociedade, mas não influencia o comportamento de ninguém”. Lopes (1997) que também participou do referido projeto, desenvolveu uma pesquisa qualitativa, cujo objetivo era perceber como famílias de diferentes segmentos sociais enxergavam os temas tratados nas telenovelas. Para tanto, foram realizadas entrevistas com todos os membros das famílias explorando a temática apresentada pela novela. Não obstante, uma família moradora de uma favela via na personagem de Renata Sorrah, uma mulher forte e batalhadora, apesar de sua profissão. As opiniões das famílias eram tão diferentes que pareciam nem se tratar da mesma novela.

Neste sentido, torna-se imprescindível citar Chartier (1991), já que para ele a construção das representações não somente na escrita, mas sobretudo no cotidiano e porque não dizer na televisão? Em programas como a telenovela que cria um cabedal de representações que atacam a subjetividade e o imaginário das pessoas em conformidade com o nível intelectual que cada uma delas apresenta.



Pensamos que este trabalho oferece uma contribuição para que reflitamos mais a respeito da televisão como instrumento de criação de legitimidades, uma vez que criando representações ou subjetividades, aguçando freneticamente o imaginário das pessoas ou simplesmente sendo um reflexo dos anseios sociais como muitos concluem é a televisão ainda hoje, uma fonte histórica a qual não se deve subestimar do contrário deve-se pensá-la enquanto linguagem para a historiografia, na sua articulação com a História, nas muitas leituras que passaram a fazer parte do cotidiano com a sua chegada e isto inclui evidentemente a sexualidade das pessoas e por assim dizer também a homossexualidade feminina. Enfim, creio que a televisão assim como o são o cinema e a literatura é uma fonte enriquecedora para os historiadores, que tem como objetivo a compreensão das distintas linguagens, buscando laborar com uma história problematizadora do social, voltada para o viver, o sentir e o pensar da sociedade.

Partindo de tal preâmbulo podemos vislumbrar também a importância desta temática para a educação, ou melhor, dizendo para a Escola, uma vez que é o aluno um telespectador que quotidianamente está diante da televisão, embora exista a concorrência voraz de outras mídias como a Internet. É a televisão ainda, a maior forma de entretenimento e acessibilidade dos mais diversos segmentos sociais, sobretudo os mais pobres. Assim, cumpre notar o papel que cabe ao professor ao observar como as mensagens televisivas têm chegado aos alunos, através de estudos e análises do conteúdo das telenovelas abordando os temas tabus por elas exibidos como: o alcoolismo, a prostituição, a violência e neste caso específico a homossexualidade, refletindo a respeito destes temas exibidos nas telenovelas, tratando da relação com a realidade vivida por cada aluno e sobretudo avaliando como a telenovela contribui para a formação de opinião destes espectadores.

## CONCLUSÕES

É inegável que a televisão ainda exerce um poder de comunicação muito forte. Todavia, os estudos apontam que os fatos por ela veiculados redimensionam os seus conteúdos. A exemplo disso temos temáticas de cunho social assim como os chamados temas tabus. A homossexualidade feminina, que a partir dos anos 80 do século XX passou a ser abordada nas telenovelas, consiste num deles, embora sem muita ênfase, pois grande parte da



população adepta dos valores religiosos e conservadores rejeitou e continua rejeitando essa temática.

Torna-se pouco animador o modo como à homossexualidade feminina vem sendo encenada, já que o que pode ser visto nos últimos anos, é uma espetacularização e uma glamourização do tema. Nota-se que a cultura do espetáculo (GREGOLIN, 2003) vem sendo implantada no tocante à homossexualidade feminina, dessa maneira programas de auditório levam o tema ao ar, mas o discutem de forma resumida, fragmentada, partindo para os mesmos lugares comuns tais como: o preconceito da sociedade. Seria interessante que se compreendesse a rejeição a homossexualidade como uma questão cultural, já que em outras sociedades como diversas tribos da África e também Grécia antiga ter relações sexuais com pessoas do mesmo sexo é considerado uma prática comum (WERNER, 1992). É necessário analisar essa questão com mais profundidade, especialmente em programas televisivos e as novelas que ainda obtêm um grande público. Contudo, percebemos que a inserção das temáticas ligadas a Gênero, precisam ganhar cenários, construir espaços (nas casas, escolas, políticas) que permitam as discussões, e tenham a visibilidade de aceitação baseada no respeito das diversidades e não na disseminação de ideologias sexistas.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Tradução, Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

CALDAS, Waldeyir. **Cultura**. São Paulo, Global, 1986.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: Entre práticas e representações . São Paulo, DIFEL, 1990.

DA TÁVOLA, Arthur. **A liberdade de ver**. Televisão em leitura crítica. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro, Graal, 1988.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Discurso e Mídia**: A cultura do espetáculo (coleção Olhares Oblíquos). São Carlos: Claraluz, 2003.

GWERCMAN, Sérgio. **Super Interessante**. Número 202, p. 46-53 Julho de 2004.

HAMBURGUER, Esther. **Diluído Fronteiras**: A Televisão e as novelas no cotidiano. In: História da vida privada no Brasil: Contrastes da intimidade contemporânea São Paulo Companhia das Letras Volume 4 .



- ORTIZ, R. **Mundialização e cultura**. São Paulo, Brasiliense, 1994
- PENTEADO, Heloísa Dupas. **Televisão e escola: confluência ou cooperação**. São Paulo, Cortez, 1991.
- PRETTO, Nelson de Luca. **Uma escola com/sem futuro**. Campinas, SP, Papirus, 2003.
- LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado- Pedagogias da Sexualidade**. Belo Horizonte, Autêntica, 1999.
- MARCONDES FILHO, C. **Quem manipula quem?**. 5ª edição, Petrópolis, Vozes, 1992.
- MARTIN BARBERO, Jesús. **Dos meios às Mediações**. Rio de Janeiro: UFRJ. 1997
- MENEZES, Gilda; TOSHIMITSU, Thaís. **Como usar outras linguagens na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2000.
- MOTT, Luiz. **Violação dos Direitos Humanos e Assassinato de Homossexuais no Brasil**. Salvador, Grupo Gay da Bahia, 2000.
- NAPOLITANO, Marcos. **Como usar a televisão na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1999.
- SODRÉ, Muniz. **Reinventando a Cultura**. A comunicação e seus produtos. Vozes, Petrópolis: 1996
- WERNER, Dennis. **Uma introdução às culturas humanas**. Comida, Sexo, Magia e outros assuntos antropológicos. Petrópolis: Vozes, 1992.